

à proposta de adaptação do filme

1

öerü: a paradigm shift

Ana Ingrez



Com um propósito crítico, este projeto apoia-se como referência de base na longa-metragem *Happy Hour* de Ryūsuke Hamaguchi. Este filme segue a vida de quatro personagens femininas nos seus trinta anos, enquanto experienciam as suas vidas pessoais e profissionais. Durante as cinco horas e dezassete minutos de exibição o espetador é confrontado com todas as problemáticas da história que, apesar de esta ser puramente ficcional, é extremamente realista.

O filme em si não é um documentário ou uma crítica social, tendo como objetivo mostrar a vida das personagens de uma forma crua, mas, no entanto, consegue expor a posição da mulher na sociedade japonesa. Cada personagem tem uma vida diferente - com família ou solteira, com carreira profissional ou encarregue da casa - porém todas elas sofrem de expectativas associadas ao seu género.



Tina Hassannia, *New Directors/New Films 2016: The Power of Understated Feminism (2016)*

Given the similar types of marital discord and life dissatisfaction in the “Happy Hour,” one also can’t help but see this movie as being a cross-section of what it’s like to be a woman in Japan today, though its social commentary is immense artistry. (...) “Happy Hour” shows us a particularly damning representation of a specific culture and the ways in which intricate social structures affect people’s individual psychologies, but it’s also the kind of out-of-left-field narrative masterpiece that demands formal analysis. In other words: “Happy Hour” is fascinating for two very different things: 1) the way it teaches us what Japanese society can be like and how it can fail; and 2) the way it tells its story. The film shows how male microaggressions — the subtle learned behaviours with which the seemingly well-meaning male characters demean the female characters — are slow and insidious in their soul-sucking power. When relationships collapse, the men are shocked, completely unaware of how they’ve let down their partners. They seem to mean well, but don’t seem to understand how and when they undermine their women. The female characters are sometimes happy but more frequently distraught, prone to impulsive actions that demonstrate their repressed frustrations. Their friendships with each other are both nourishing and empowering, but also at conflict sometimes with their own interests.

mote

Considerando a posição da mulher exemplificado no filme referenciado, propõe-se um *allohistory** onde o Japão tem uma sociedade matriarcal (em oposição da patriarcal atual). A diferença da estrutura social seria somente esta, mas pretende-se observar e analisar ficcionalmente quais seriam as consequências desta mudança na mulher japonesa.

descrição

Levando em conta o filme *Happy Hour*, analisaram-se as condições em que as personagens femininas vivem. Apesar de o Japão ser um país muito desenvolvido tecnologicamente, existe um grande conservadorismo que não permite avanços sociais. Este é um contraste presente na vida dos japoneses, que se encontra até na própria arquitetura: é frequente encontrarem-se construções antiquíssimas ao lado de arranha-céus. A tradição é considerada valiosa na cultura, contudo isto causa barreiras no desenvolvimento social. Devido ao patriarcado, a mulher japonesa é vista como uma ferramenta que deve cumprir os seus objetivos e seguir um conjunto de padrões. Deve ser mãe, ser responsável pelas funções da casa e educação dos filhos, vestir de um certo modo mais contido, agir de uma forma mais educada. Se não o faz, é ostracizada.

**a genre of fiction in which the author speculates on how the course of history might have been altered if a particular historical event had had a different outcome (collins dictionary)*

Devido ao *male gaze* presente nesta cultura, a mulher acaba por viver sempre presa por estas correntes. Com a Segunda Guerra Mundial a mulher legalmente começou a ter os mesmos direitos que o homem, porém continuam a existir grandes desequilíbrios.

Sendo que a origem deste problema se deve possivelmente à sociedade japonesa patriarcal, fundamenta-se nesta ficção projetual que o Japão é matriarcal. Desta forma pretende-se colocar a mulher numa posição favorável e observar as mudanças sociais, utilizando esta ficção como crítica da realidade.

Of all the world's main religions, only in Shinto is a goddess, Amaterasu-o-mi-kami, the Japanese Sun Goddess, preeminent without a male consort. From a western feminist perspective, this fact is remarkable. I will explore why Amaterasu-o-mi-kami came forward in female form and still enjoys her spiritual reign in the Shinto pantheon.

To illuminate Amaterasu-o-mi-kami's possible roots and reasons for survival, an interdisciplinary approach was used to reconstruct Japan's ancient history and to demonstrate the existence of matristic culture (an idea put forward, but not elaborated on, by a number of scholars of Japan).

This matristic culture provided fertile ground for the myth of Amaterasu-o-mi-kami to develop. In the early formation of the nation of Japan, the Yamato clan claimed her as their tutelary deity, capitalized on her popularity, and then used her to unify the country, thereby ensuring her survival. Even the later introduction and adoption of Buddhism did not eliminate her as the head of the Shinto pantheon; the syncretism between Shinto and Buddhism also bolstered the Sun Goddesses' survival.

Today, Amaterasu-o-mi-kami still serves as a bridge from the past to the present and from the sacred to the secular. The Japanese Emperor acts as intermediary between Amaterasu-o-mi-kami and the people, tracing his ancestral origins to her as original ancestor of the ruling family and "mother" of the nation. Japanese people honor and worship her regularly through her rituals associated with abundance and fertility, and the well-being of the nation.

título

ōeru: a paradigm shift

descrição

A palavra *ōeru* é em japonês o nome que se dá a mulheres que trabalham em escritórios, tipicamente com trabalho de secretariado. É uma leitura direta da abreviatura *OL*, que por sua vez origina de *Office Lady*.

Devido ao conceito indicado previamente, propõe-se assim uma mudança de paradigma. Este título apoia-se no termo criado por Thomas Kuhn* em *The Structure of Scientific Revolutions*, que identifica o fenómeno que acontece quando um paradigma científico dominante deixa de ser aceite devido a novos fatores que são incompatíveis, originando uma adaptação de um novo paradigma ou teoria. Este conceito foi criado em 1962 explicitamente para a área científica, sendo posteriormente adotado para outros tópicos como a sociologia, política ou economia. Neste projeto o termo é utilizado como reforço do mote, que ficcionalmente muda o passado do Japão e que, consequencialmente, altera os paradigmas atuais da mulher japonesa. Desta forma há uma mudança de paradigma (*paradigm shift*).

**(1922-1996) físico, filósofo e historiador americano*

*Ajit Kumar Kar, Women Empowerment:
The Need of a Paradigm Shift in Society of 21st Century (2015)*

Since long, women have been denied their basic human rights and assigned a role secondary to men in all spheres of life. Although in some developed countries the conditions and mindset have changed to a great extent, but still the conditions have not improved much. The reasons being that this present mindset is deeply entrenched in the culture and forms our core beliefs and that many women have accepted their present conditions and do not realize their rightful place. Women bear almost all responsibility for meeting basic needs of the family, yet are systematically denied the resources, information and freedom of action they need to fulfill this responsibility.

The vast majority of the world's poor are women. Two-thirds of the world's illiterate populations are female. Of the millions of school age children not in school, the majority are girls. Around the world, millions of people eat two or three times a day, but a significant percentage of women eat only once. Studies show that when women are supported and empowered, all of society benefits. Their families are healthier, more children go to school, agricultural productivity improves and incomes increase. In short, communities become more resilient.

